

UMA FILOSOFIA POR VIR

A PHILOSOPHY TO COME

José Nicomedes¹⁰

RESUMO

Este artigo é a tentativa de conversão de uma apresentação, que foi feita para ser falada, em um texto feito para ser escrito. Entre os diversos objetivos desta exposição, o principal deles consiste em enunciar um novo cenário para o ofício filosófico e suas filosofias correspondentes, desacorrentando-se de certas tendências petrificadas e engessadas da produção filosófica, de tal modo que seja provocada uma demolição em determinadas estruturas enrijecidas. Os procedimentos analíticos empregados procedem por meio de um recolocar do problema: qual a significação do Mundo, do Humano e da Filosofia, sob a perspectiva da Contingência e da Violência e, sobretudo, de que modo essas questões estão relacionadas. O que concluí decorre de alguns fatos: que precisamos destruir um certo mundo, pulverizar o modelo do humano e proliferar maneiras distintas do filosofar. Haverá pequenas diferenças entre minha apresentação oral e minha exposição escrita, resultantes de algumas amputações no texto, ao mesmo tempo em que também houveram certos acréscimos inéditos.

Palavras-chave: Mundo; Humano; Filosofia; Contingência; Violência.

ABSTRACT

This article is an attempt to convert a presentation, which was meant to be spoken, into a text meant to be written. Among the several objectives of this exposition, the main one consists in enunciating a new horizon for the philosophical craft and its corresponding philosophies, unhooking from certain petrified and plastered tendencies of philosophical production, in such a way as to provoke a dilution in certain frozen structures. The analytical procedures employed proceed by means of a relocation of the problem: what is the meaning of the World, of the Human and of Philosophy, from the perspective of Contingency and Violence and, above all, how are these questions related. What I concluded follows from a few facts: that we need to destroy a certain world, pulverize the model of the human, and proliferate different ways of philosophizing. There will be small differences between my oral presentation and my written presentation, resulting from some amputations in the text, while there have also been some unpublished additions.

Keywords: World; Human; Philosophy; Contingency; Violence.

1

Por vir... ele vem a nós ou nós nos arrastamos até ele?

O que discutiremos a seguir não possui nenhum autor central. Os que citarei estão muito mais em uma posição acessória ou lateral. Isso significa que as palavras que sairão de minha boca, formando um discurso inesperado, partem menos de um problema já bem localizado, e mais sobre algo nebuloso que vem me perturbando há tempos. Dito isso, Quentin Meillassoux,

¹⁰ Graduando em Filosofia (bacharel e licenciatura) pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Bolsista de iniciação científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - (FAPERJ).

Contato: e-mail: josednicomedes@gmail.com

Reza Negarestani, Maurice Blanchot e Gilles Deleuze são alguns dos principais autores sob os quais me ancoro para compartilhar com vocês a problemática que abordaremos.

Para situá-los nesse ponto de vista, permitam-me, se assim consentirem, expô-los ao panorama da questão. Serão três os objetos que investigaremos: o Mundo, o Humano e a Filosofia. Eles que serão orientados por dois pontos de vista singulares, estes que são a Contingência e a Violência.

2

O que quero dizer com esse proposital título vago – que, inclusive, já pensei em mudar – é paradoxalmente algo bem específico¹¹. Em primeiro lugar, gostaria de dizer que trato aqui de uma possibilidade de fazer filosofia, uma que ainda não vi ou li sendo rigorosamente bem delimitada. Quando designo um *por vir*, quero, efetivamente, referir-me a um determinado futuro. Todavia, para que os caminhos do futuro sejam habitáveis, será preciso uma construção conceitual que alargue quaisquer que forem as vias obstruídas de entulho, teremos, em outras palavras, de despedaçar algumas - senão todas - as evidências que se pretendam consolidadas. Assim sendo, temos como objetivo erodir as placas tectônicas de um certo discurso filosófico, de tal maneira que o magma que dali seja emergido, inicie uma série de erupções vulcânicas como fonte de fornecimento para aqueles que querem compartilhar o fogo que habitam em seu sangue. Para que um *por vir* dotado de não uma, mas de possibilidades tanto efetivas como formais, seja efetuado, teremos de provocar um colapso que irá dilacerar as carnes de um certo mundo, um determinado humano e de uma tal filosofia. Em uma palavra: é preciso acabar com o império das determinações, regidas pela lei da causalidade, tornando tudo que se segue em uma linearidade de equívocos existenciais.

O primeiro deles é que a estrutura da existência não se determina. Mais precisamente, ela não é governada por uma lei da causalidade, esta que se define através de causas seguidas de efeitos. Vemos isso com Hume¹²: Não é porque ao encostar no braço de alguém, ele irá se mover por conta desse específico contato.¹³ O braço da pessoa pode não se mover, ou começar a se

¹¹ O evento onde esse texto foi apresentado, a VIII semana de graduação em filosofia da UERJ (2023), tinha por título: “Resistências Invisíveis: uma filosofia por vir”. Por mais que, à primeira vista, o meu título possa corresponder ao título do evento – e, de fato, existem fundamentalmente correspondências – a relação à qual primariamente quis me endereçar pertence ao *O livro por vir*, de Maurice Blanchot, que trabalharemos mais abaixo.

¹² HUME, 2009, pp. 53-59. Vemos que na célebre filosofia humeana há toda uma concepção do mundo onde a causalidade é extirpada de seu reinado, por meio de uma recusa de qualquer necessidade lógica entre causas e efeitos.

¹³ Exemplo análogo ao da bolha de bilhar: nada impede que em uma mesa de sinuca, mirar com o taco em uma bola determinada e acertar em outra, no contato entre essas duas bolas, algo de inusitado, como a bola saltar por cima da outra, ocorra – o que não é absolutamente incomum.

mover por um ataque cardíaco, “*os exemplos são infinitos. Mas meu tempo não.*”¹⁴ Com efeito, a causalidade não poderia jamais reger o funcionamento do nosso existir. Não há nada que *cause* uma outra coisa; Deleuze formularia da seguinte maneira: não há causas, somente efeitos¹⁵. No entanto, quero ir além disso, pois penso que se trata de algo mais radical do que efeitos. São acasos ou contingências. Para deixar mais evidente a ruptura, não falaremos mais sobre causalidade, mas *casualidade*.

A casualidade, segundo meu julgamento, está inserida no mesmo local que os conceitos de acaso e contingência. Ela é a matéria e a forma do nosso existir, ela nos une ou dilacera em formas irregulares, disformes e degradáveis, em suma: em cacos de existência; da mesma maneira que nos constitui de modo caótico, cataclísmico, disruptivo. A casualidade é a lei mais crucial da existência porque de tudo que se tentou dominar, regular, supervisionar, sempre houve a irrupção de uma exceção que erodiu todos os domínios que se desejou prever. O imprevisível, o inusitado e o imperceptível são a cifra de uma gramática devastadora, porque o que queremos é a plenitude da segurança, não obstante, tudo que conseguimos são as forças invisíveis e sanguinárias do acaso, que perpetuamente se manifestam como tudo aquilo que devasta e estraçalha a esfera confortável das previsões definidas.

O que estou falando, em última análise, é que tudo que se expressa através de uma determinação ou definição estagnada e fixa, está fadado a uma espécie de eterno retorno da falência, especialmente se está ancorado pela regência da lei da causalidade. E caso queiram levar às últimas consequências o discurso que emito aqui, eu faço o favor de vos dizer: *sim*, da mesma maneira que nada pode ser determinado pela causalidade, pois a casualidade irá em confronto desmembrar qualquer sequência retilínea, *minhas próprias palavras estão acometidas dessa possibilidade*, de que algum dia, dentre todas as contínuas variáveis, uma espécie de incondicionado ou impensado insurja-se diante de meus olhos e me esquarteje. Eis aí a magia da casualidade, não se trata de um possibilitismo meramente construtivista, ou de um construtivismo de simples possibilidades, pensamos aqui, antes de mais nada, no mais arrebatador e triturante *possível*, em uma possibilidade de mundo que nos permita combater a violência da causalidade com a afirmação de outra violência equivalente.

Estamos vendo aqui que a lei da causalidade é deficiente, e se ela o é, algumas consequências interessantes explicitam-se diante de nossa vista. Começamos por dizer que se a lei da causalidade é falha, o mundo da necessidade não é uma necessidade. Não precisamos de uma necessidade existencial que diga como o mundo deve operar. Então a máxima *tem que ser*

¹⁴ Referência ao tempo que teria em minha apresentação oral.

¹⁵ DELEUZE, 2015, pp. 5-12. Surge primeiramente com os estoicos a ruptura com a lógica aristotélica, de onde provém não mais uma gênese da substância, mas um primado das relações. Portanto, as causas são destituídas de suas posições, em função do predicado linguístico ou atributo existencial dispor de uma preexistência.

assim, é simples efeito da contingência. Assim como o *tem que ser assim pode não ser assim*, bem pode se dizer também que o mundo não necessitaria existir. Ou seja, da mesma maneira que o mundo ter sua existência é mero acaso, ele operar de tal ou qual maneira decorre também de mera casualidade. Portanto, o mundo só tem a necessidade da contingência. O que permite que todas as restrições lógicas sejam potencialmente pisoteadas e violadas pelos acasos existenciais.

3

Podemos perceber que no mundo existe um duplo dilaceramento. Um combate metafísico ou ontológico de duas violências: uma que paira nas planícies do visível, onde a lei da causalidade governa os fenômenos do mundo que nós vemos, escutamos, cheiramos, tateamos e sentimos; e outra que emerge das profundezas de contínuos acasos, que irradiam-se e emanam de forma latejante, sem serem previstos ou pressentidos, obliteram o campo da percepção porque toda instância de demarcação, determinação ou definição sofre o sobrepujar das exceções, do indeterminado e indefinido. A violência do acaso é o transbordamento de todas as leis regulativas do mundo, ela é o excesso que destroça todo afunilamento da causalidade.

Não vemos aqui, em primeira mão, uma violência ético-política, vemos uma violência metafísica ou ontológica. – Porém, vale destacar, que não penso em uma desagregação, elas, as violências, em sua essência, não podem ser separadas, mas isso não significa também que não se possa abordá-las por meio de uma tipologia das violências e onde elas são atuantes, isto é, seus aspectos qualitativos. Porque não se trata dessa violência que reside apenas nos atos conscientes ou inconscientes de nossa existência. O que temos aqui é uma violência constitutiva de cada átomo dessa vida, uma violência que cresce e despedaça, mas que também, à medida que estraçalha algo, produz não apenas espaços habitáveis, mas tempos futuros passíveis de serem construídos e elididos, mesmo na fresta, na fratura e na falha. Não nego que também existe o território de uma violência exercida por meios topológicos ou espaciais, mas isso é apenas uma repartição, uma parte, um fragmento de todo esse fluido que se aprofunda em nós.

Essa violência de que falo pode ser pensada e sentida, observada e matematizada. Meillassoux nos mostra que até mesmo na Matemática, a suposta área do saber isenta de qualquer preconceção, destituída de impurezas e, em primeira instância, o modelo de ciência pura e mais transparente, pode conter uma ontologia subsistente, que contém todos os fundamentos matemáticos. Visto que, até mesmo no vazio, no signo desprovido de sentido, é possível verificar uma ontologia da nulidade operando¹⁶. Vemos ela por meio de comportamentos éticos, onde uma

¹⁶ Cf. MEILLASSOUX, 2018, p. 83-84. *Muito embora eu não o acompanhe até o final de suas conclusões*, a chamada para nos interrogarmos acerca de certas pretensas ontologias neutras, mas que nelas encontram-se subsistindo perspectivas completamente parciais, deve ser reconhecida.

certa tenacidade de movimentos é desenvolvida para realização de uma ação; através de relações de poder – eminentemente políticas – onde um pode subjugar o outro a um estado de menoridade, ou mesmo àqueles que buscam abolir a verticalização das relações, mas vendo que isso só funcionaria por meio de uma violência mais tática ou estratégica. Não é possível ver também uma violência estética? Uma violência onde o esteta pinta violentamente, ou manifesta a violência no seu meio de reprodução artística, ou mesmo o quê o comoveu para que sua expressão fosse criada. E mesmo para os mais nulificados, os epistemólogos, onde a violência pode ser inscrita em infinitas variações, desde os conhecimentos e saberes que subordinam outros, com seus privilégios e estigmatizações, ao constante esforço que se faz para compreender ou conhecer algo. Mesmo nas lógicas um exercício de violência se configura, na medida em que para fundar uma lógica é necessário que os procedimentos que nela devem operar, precisam ser recortados, selecionados, decididos, e sabemos que toda escolha implica numa perda.

Quero dizer com todas essas descrições que a violência se encontra em cada grão ínfimo de espaço e tempo da existência, que a violência é também *a* linguagem, os *meios* de manifestação da linguagem, os *modos* de relação da linguagem, que, portanto, *a violência é o existir próprio da vida*. Eis aí a violência metafísica ou ontológica da qual falo, que se aplica ao ser, seja para nos constituir do que quer que sejamos, seja para estrangular e extirpar de nós qualquer pretensa à inércia da estabilidade. Mas não somente ao ser, ao Nada também, porém isso desenvolverei mais em outro momento, pois a violência do tempo me acomete agora.

Portanto, se temos um mundo violentamente contingente, ou contingentemente violento, ele *não tem que ser assim*, ele não só pode ser outra coisa, como também inexoravelmente ele sofrerá as ações do acaso, que desencarnará tudo que o mundo é. Não há um ser do mundo, somente a Contingência do Nada e a Violência do Devir, ou seja, pode ser destruído ou mesmo nem ter sido criado, e inescapavelmente e de maneira infatigável, ser violentado às transformações incessantes, que tanto podem nos esmurrar ou virem a nos esmagar, como também tornar-nos mais resistentes e tonificados.

O mundo é tanto regido pela contingência, como também pela violência, são as duas leis operantes da existência, viver é um constante encontro com a violência do acaso que ninguém sabe quando se aproxima, porém, às cavalgadas ou em seu tateares, a casualidade sempre vai imperar. Como se estivéssemos em uma danação eterna, onde a ameaça do imprevisível e inusitado está à espreita ininterruptamente.

Qual mundo criaremos e qual destruiremos? Tudo depende de quais meios usaremos para isso e o quanto de violência investiremos, e principalmente do acaso que nos circunspecta como um espectro emergindo de nossos abismos.

Uma outra questão que concerne a nós é a seguinte: quem são os habitantes desse mundo? Alguns diriam que são os *Homens*, outros os *Indivíduos*, outros as *Pessoas*, existem aqueles até que diriam os *Sujeitos*. Porém, mais ou menos consensualmente, esses assinadores de nossa identificação nos designam como Humanos. Quem são os humanos? O que é o humanismo? O humano, como o artigo definido já sugere, é *O* universal, o avatar, o arquétipo, o modelo de existência divinizado, o eleito dos deuses ocidentais contemporâneos, todavia também rastreável em uma determinada dinastia religiosa. Isto é, o Branco, Hétero, Cis, afortunado tanto economicamente quanto culturalmente, eis aqui o nosso humano, criado à imagem e semelhança de vosso senhor Deus. No caso do humanismo, temos nele toda uma derivação essencialista, encerrada nela mesma, enfatizada em todas as suas formas intransponíveis, recortada pelas mãos mais minuciosas dos ares celestes.

Porém, aquilo que não é humano, o próprio não-humano, o pós-humano, o inumano, enfim, o bestial, degenerado, depravado, o sórdido, o anormal, o perverso, e tudo que se deriva desses entes crônicos, ou seja, dos abismos mais profundos e obscuros desse mundo, deve ser relegado, extraviado, ejetado, escondido, reprimido, castrado, afundado, negado, enfim, abolido e abominado. Nomeadamente, poderíamos dizer que a travesti, o preto, a puta, o pobre, a bicha, encontram-se nesse território dos impuros.

A questão que alguns não percebem é que a imagem de humano é meramente engendramento. Porém, mais do que um construto, ela é uma convenção, mas não somente social, uma convenção existencial. Esse nome que acabo de dar ao estatuto do humano, uma convenção existencial, não passa de mera contingência, portanto. Poderíamos radicalizar ainda mais, dizendo que toda convenção, seja social ou existencial é apenas fruto da contingência, dado que a configuração para uma convenção ser formada não passa de arbitrariedades culturais e históricas, visto que não há nada de necessário senão a contingência.

Humano é mais um nome falido, fracassado, derrotado. Até os neo-racionalistas, como é o caso do Negarastani expressarão algo de interessante a esse respeito: o humano não é um humano, é nada mais que um inumano, um vetor de autorevisão de comprometimentos, de atualização constante¹⁷. E não significa que por esse potencial de atualização perpétuo que, instalado em nós, somos seres faltantes, não mais do que isso: ou deveria dizer, *menos*. *Somos Nada*, nada dos define, definiu ou definirá. Somos essa coisa estranha que se modifica, meio

¹⁷ “Ao erodir o elo que ancora os comprometimentos presentes ao seu passado, e ao enxergar comprometimentos presentes a partir da perspectiva de suas ramificações, a revisão *força* a atualização dos comprometimentos presentes em um efeito cascata que se espalha globalmente em todo o sistema”. NEGARESTANI, 2018, p. 35. (grifo nosso).

mutante, que não aceita formulações dos antigos, dos contemporâneos; e aposto que se nos colocassem com nosso presente em simultâneo com nosso passado e futuro, só haveria recusas mútuas. Somos, portanto, esse ser bestial, queridos a alguns, abomináveis aos outros. Somos esta abominação infiel porque carregamos conosco esse potencial contingente e arbitrário de criar, transformar e destruir tudo ao nosso redor.

Somos seres bestiais, portanto, porque carregamos conosco, em nossa carne, toda uma violência absoluta, uma guerra brutal contra nós mesmos e contra os outros, contra o céu, e agora, especialmente contra a terra. Esse Nada que paira dentro de nosso peito, que se apodera e domina todas as nossas entranhas e vísceras, que percorre nosso sangue quente, fervendo e ardendo por nossas veias, que embrulha e provoca todo um contorcionismo por nossas tripas, forma um vórtice de acasos. Há todo um sistema de sangue que nos arrasta para frente e para trás, existe todo um aspecto bélico de nossa carne. O Humano... O Humano não, não podemos ser mais humanos, é preciso empregar toda essa fúria ardente que nos constitui, pegar toda essa revolta e investir em nós mesmos, e nos outros também. Não podemos ser mais humanos, não podemos mais coexistir com humanos; o humano se tornou intolerável.

Para acabar com o julgamento dos Humanos, assim como Artaud acabou com o juízo de Deus¹⁸, será preciso estirá-los em um caldeirão de água fervente, dissecá-los, desmembrá-los, despedaça-los pedaço por pedaço, pô-los em uma danação excruciante. Também será necessário, mutilá-lo a tal ponto que se torne irreconhecível. O Ser de ser humano, atributo equivalente, que em outro momento me deterei melhor, precisa de igual maneira ser lançado ao Nada, ao Vazio, ao Vácuo, ao combate, pois dali será extirpado e esvaziado de significado, de vida, de existência. Precisamos fazer com que o Ser seja esquartejado de tal maneira que se torne menos uma estrutura ontológica de dominação, e mais um fertilizante no Nada, que permita proliferar aberturas possíveis para existência. Dessa maneira, que proporcione uma libertação dos encadeamentos equivocados da causalidade e de todas as suas derivações que convergem para fórmula *tem que ser assim*, e, na verdade, desencadeia a fórmula, tão contingente quanto qualquer outra, porém, menos fixa e mais dinâmica *pode ser de outra maneira*.

5

E o que resta agora? E o que resta nesse mar de escombros e destroços para a filosofia? Precisamente: o que significa dizer pensar uma filosofia por vir? Significa pensar mais do que o impensável, significa pensar o impossível, fazer com que se forme uma protuberância anômala

¹⁸ ARTAUD, 2020, p. 63-65. A convergência da analogia consiste em dizer que tanto ao lado de Artaud quanto do nosso lado, o que se combate com veemência é o império das determinações insípidas e absolutizadas.

nesse meio de erupções existenciais. Pensar o por vir advém sempre de um entrelaçamento entre violência e contingência, atrelada a uma espécie de revolta muito específica. A revolta da dor. Sim, dor. Dor daqueles que tanto sentem a intensidade de uma desfiguração psíquica, capaz de perturbar toda a aparente estrutura psicológica, como também dor daqueles que a sentem inscrita em cada fibra, em cada nervo, em cada poro de sua pele, podendo perfurar os músculos, órgãos, entranhas e vísceras ensanguentadas, chegando à ossatura do ser. Em uma palavra: o que acontece quando a relação de amizade (*Philia*) com a filosofia é destruída? Ou se quiserem outra fórmula: o que fazer quando o objeto de amor (*Eros*) que temos à sabedoria é simplesmente dizimado, devastado e solapado? Por fim, o que fazer quando o que há de mais crucial para filosofia elabora uma rígida estrutura de esterilidade petrificada?

A seguir, colocarei algumas citações do *O livro por vir*, do Blanchot, com o procedimento de que toda vez que ele falar a palavra *livro* ou *obra*, substituirei por *filosofia*. Pois disso conseguimos extrair um resultado que convém ao nosso tema:

... a filosofia, que desde o começo já é Filosofia, o essencial da literatura, é também uma filosofia, ‘simplesmente’. Essa filosofia única é feita de vários volumes: cinco volumes, diz ele em 1866, muitos tomos, afirma ainda em 1885. Por que essa pluralidade?

[...]

Vemos que, desde então, essa pluralidade única da necessidade de dispor em patamares, segundo diferentes níveis, o espaço criador, e se ele fala tão corajosamente, naquela época, o plano da Filosofia como de uma tarefa já acabada, é porque medita sobre sua estrutura, a qual já existe em seu espírito previamente ao conteúdo.

[...]

Outro traço invariável: dessa filosofia, ele vê primeiro a disposição necessária, filosofia “arquitetural e premeditada, e não toma uma compilação de inspirações do acaso, mesmo que maravilhosas... ele diz que sua filosofia é “tão bem preparada e hierarquizada” (em outro lugar diz: “perfeitamente delimitada”).

[...]

O acaso será vencido pela filosofia se a linguagem, indo até o extremo de seu poder, atacando a substância concreta das realidades particulares, não deixar mais aparente senão “o conjunto de relações existentes em tudo”.

[...]

A filosofia necessária é subtraída ao acaso. Escapando ao acaso por sua estrutura e sua delimitação, realiza a essência da linguagem, que desgasta as coisas transformando-as em sua ausência ao devir rítmico, que é o movimento puro das relações. A filosofia sem acaso é uma filosofia sem autor: impessoal. (BLANCHOT, 2018, p. 327-331).

O que vemos aqui, antes de mais nada, trata-se do Blanchot descrevendo a obra de um poeta francês, do século XIX, chamado Stéphane Mallarmé, onde esse poeta tem o projeto de desenvolver um livro, o mais organizado possível, com suas delimitações bem arranjadas, com uma arquitetura com intransponível movimento, dispondo da estrutura mais inabalável e inequívoca com suas determinações bem fincadas. Mallarmé não saberia escrever aquele *Livro* de outra maneira, de modo que se tentasse seria dele extraído somente um *soneto nulo*.¹⁹

¹⁹ BLANCHOT, 2018, p. 329. Vale ressaltar que por mais que o objetivo de Mallarmé seja o de elevar o livro à sua estrutura magnificente mais bem determinada e delimitada, ainda assim toda essa estrutura poderia ser facilmente demolida pelo por vir, por meio de interpretações futuras que poderiam tentar corromper o sentido

O que busco salientar com esses excertos é algo simples: por mais que se tente solapar e deslegitimar outras maneiras do fazer filosófico, o acaso, mais cedo ou mais tarde, insurgirá das chamas do inferno para que se destrua quaisquer que forem as estruturas mais bem organizadas e inveteradas. A pluralidade mallarmeniana, destacada por Blanchot, é uma pluralidade encerrada em si mesma, dentro das variações de uma obra, portanto, sempre previsível e limitada às pretensões e intenções. O que fiz aqui foi somente esquartejar o texto de Mallarmé e o de Blanchot, para que fosse explicitado, de alguma maneira, que o acaso, a contingência, nunca poderão ser controlados; talvez pudessem imaginar, pensar, especular e conjecturar sobre o que fariam com os escritos deles, no entanto não sabiam, efetivamente, o que seria feito, como seria feito, ou quando seria feito, e porquê seria feito. Ao mesmo tempo, aqui percebemos o encontro da contingência com uma certa violência, o uso do texto de outros, a apropriação bem como se quer. Todo planejamento sendo aqui depauperado, seja por aqueles que dirão que estou cometendo uma atrocidade com Mallarmé ou Blanchot, seja por aqueles que essencialmente dirão que estou machucando ou danificando brutalmente o ofício filosófico.

6

Portanto, penso que seja interessante pensar um vínculo de uma revolta multilateral entre o conteúdo da filosofia e sua expressão filosófica. Fazer irromper novos objetos de investigação à medida em que o acaso os lança em nossa direção, e dismantelar todo encadeamento expressivo e produtivo em formas que subvertem e pervertem toda e qualquer maneira de absolutização homogeneizadora. Para tentar ser mais preciso, mais minucioso e pormenorizado em minha fala: penso que quanto mais a filosofia se revoltar com o quê ou quem são os objetos de investigação dela, tanto mais se deverá revoltar-se com as formas, expressões e produções pela qual ela emite sua linguagem. Por mais que seja mais ou menos reconhecida uma guerra no interior da filosofia, digo que essa revolta para consigo mesma deve ser intensificada violentamente.

O que há, ao meu ver, entre as resistências invisíveis e uma filosofia por vir, é o explícito caso da contingência que faz da violência um vínculo desejado pela revolta. Ou seja, o acaso determinou, nesse momento arbitrário, que as resistências virão para finalmente produzir uma filosofia dos invisíveis. A falência, os derrotados, os baixos e vulgares, o fragmento, o vazio e o Nada, todas as profundezas dos relegados e devastados formam um oceano de corpos e possibilidades à nossa frente. Que se faça dessa dor resistida o alimento que será devorado com violência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTAUD, Antonin. *Para acabar com o juízo de Deus*. Tradução: Olivier Dravet Xavier. 1ª ed. Minas Gerais, Moinhos, 2020.

BLANCHOT, Maurice. *O Livro Por Vir*. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins fontes, 2018.

DELEUZE, Gilles. *O que é a filosofia*. Tradução: Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2016.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Tradução: Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2015.

HUME, David. *Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral*. Tradução: José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: UNESP, 2004.

HUME, David. *Tratado da natureza humana*. Tradução: Déborah Danowski. São Paulo: UNESP, 2009.

MEILLASSOUX, Quentin. *Iteração, reiteration, repetição – Uma análise especulativa do signo desprovido de sentido*. Em: *Eco-Pós*. n. 2, vol. 21, 2018, pp. 12-93.

NEGARESTANI, Reza. *O trabalho do inumano*. Tradução: Jean-Pierre Caron. 1ª ed. São Paulo, Zazie edições, 2020.